

Novas perspectivas da Psicologia Social: a Psicologia do Espaço e suas aplicações

CARLOS JOSÉ BARRACHO (*)

1. INTRODUÇÃO

As investigações no domínio da «Psicologia do Espaço» começaram há bem pouco tempo, mais concretamente a partir dos anos 60. Para tal contribuíram, entre outros, investigadores como Goffman, Sommer, Barker, Hall, Carpenter, Hediger, Prohansky, Ittelson, Moles, Stea, etc. ⁽¹⁾.

A elaboração de um quadro teórico como orientação teórica é muito recente e o maior problema foi o da utilidade da teoria behaviorista e da sua aplicação à Ecologia, Meio Ambiente e, nomeadamente, Psicologia do Espaço.

Propomos referenciar fundamentos mais adequados à investigação dos domínios citados, os quais têm a sua origem no pensamento fenomenológico.

2. A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Não propomos uma introdução, mas sim uma contribuição ao esclarecimento dos

(*) Assistente no ISPA. Investigador da Universidade Louis Pasteur.

⁽¹⁾ O termo «Psicologia do Espaço» foi criado por A. A. Moles em 1966 e introduzido no seu curso, leccionado em Estrasburgo.

problemas mais ou menos teóricos de uma abordagem ambiental e limitar-nos-emos a uma apresentação de algumas ideias de fenomenologia, bem assim como as suas aplicações àquela abordagem.

A abordagem fenomenológica define a Psicologia como o estudo científico do homem em situação, ou seja, a análise psicológica da experiência ou do comportamento do homem (enquanto que tal ela centra-se sobre o indivíduo), quer se trate de pessoas ou de personalidades, utilizando da mesma maneira a palavra «situação», mas a concepção fenomenológica do homem em situação difere sensivelmente da definição anterior.

Tanto a escola fenomenológica como a ecológica são muitas vezes mal interpretadas pela «Psicologia Académica». São correntes os debates polémicos entre os fenomenologistas e os representantes da psicologia experimental.

A Psicologia Fenomenológica não é nem uma teoria nem um método, mas sim uma análise de investigação fundada sobre implicações teóricas e metodológicas, e não uma teoria fechada, q.d., uma «outra Psicologia».

Neste sentido, ela não pode ser uma meta-teoria na acepção técnica do termo, e por

tanto, mesmo que nós consideremos a fenomenologia somente como uma atitude teórica a adoptar no domínio das «ciências do comportamento», poderemos tirar certamente algumas conclusões para a Psicologia do Meio Ambiente e do Espaço.

3. A FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO E PERCEPÇÃO

A Psicologia Fenomenológica centra-se sobre a situação. O interesse primordial tem acento no homem em situação. Dito de outra maneira, uma situação constitui-se segundo a perspectiva dos sujeitos em si mesmos, abrangidos por ela. Longe de ser uma simples adição de estímulos agindo sobre o indivíduo, a situação é, ao contrário, um conjunto estruturado por actos intencionais.

A análise intencional, orientada para um objectivo, de situações concretas, é o primeiro passo para a investigação fenomenológica em Psicologia. A Fenomenologia do Espaço, enquanto que movimento do pensamento, é um caminho que cada um deve percorrer por si, abrindo-o à custa dos seus próprios riscos e perigos.

Segundo Husserl, «é necessidade do pensamento ter em consideração a nossa experiência primordial do Mundo, a sua abertura (o pensamento) a este Lebenswelt».

Ao tentar formular a relação que o Universo da Ciência tem com o «mundo da vida», Merleau-Ponty afirma: «Todo o Universo da Ciência é construído sobre o Mundo vivido e se nós quisermos pensar a ciência em si mesma com rigor, em apreciar exactamente o sentido e o seu valor, é-nos necessário em primeiro lugar fazer despertar esta experiência do Mundo do qual ela é a expressão secundária. Voltar às coisas em si, é voltar ao Mundo antes do conhecimento, do qual o conhecimento fala sempre e à atenção do qual toda a determinação científica é abstracta, significativa e depen-

dente, como a geografia perante a paisagem, onde nós aprendemos primeiramente o que é uma floresta, uma pradaria ou uma ribeira.»

Por que foi esquecida a experiência primordial que fazemos do Mundo? Porque pusemos de lado o «espaço» do Mundo que habitamos, com os seus lugares diferenciados, heterogéneos, as direcções dos sentidos, em outros termos, a espacialidade do Mundo ao qual pertencemos foi remetida para a esfera da aparência subjectivo-relativa sem que esta se dissolvesse face ao esclarecimento científico?!

Isto quer dizer que se desprende do que é pertinente para o pensamento tanto o espaço enquanto habitado (pois que não remetemos senão a representação do espaço exigido pelo conhecimento físico-matemático da natureza) como o sujeito enquanto habitante, quer dizer, tanto como pelo seu movimento próprio de existir, ele (homem) permite, também, espacializar: proteger-se, caminhar, orientar-se, ordenar os espaços necessários à sua existência, enfim, dar lugar às diferentes instituições da sua vida comunitária.

Mas que nos traz de novo uma fenomenologia da percepção à questão do espaço?

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que ela esclarece e desfaz as dificuldades com que se debateu a psicologia filosófica clássica. Esta, por exemplo, tendia a reduzir a profundidade a uma largura vista de perfil, o que era inevitável, uma vez que ela se referia ao espaço como espaço racionalizado pela cultura científica (geometria, geografia) e não como um espaço vivido (mas se nós voltarmos à experiência do espaço, representado mentalmente, ao qual pertencemos como sujeitos incarnados tendentes a caminhar, a avançar e a recuar, a aproximarmo-nos e a distanciarmo-nos das coisas, as quais não se apresentam senão numa certa perspectiva e numa certa distância em relação a nós, então encontramos a profundidade como uma dimensão inerente ao

movimento através do qual nós vamos ao encontro das coisas).

Em segundo lugar, a fenomenologia da percepção pode exercer o papel de uma instância crítica perante uma psicologia de laboratório, que tende a ignorar os seus pressupostos e em particular os limites da própria situação experimental ⁽²⁾.

Podemos afirmar que a fenomenologia da percepção nos traz, através das suas descrições e análises, a dupla polaridade espacial da experiência perceptiva. Espacialidade do lado do «percebido», que não se realiza senão dentro de uma certa orientação sobre o fundo da sua coexistência com outras coisas num campo ou espaço perceptivo, antecipando-se ao horizonte aberto de um mundo. Espacialidade do lado do observador que não apercebe senão a partir da sua própria espacialidade. A contribuição da fenomenologia da percepção à constituição de uma fenomenologia do espaço tem certamente os seus limites. Se quisermos recorrer a uma imagem provisória, podemos dizer que a fenomenologia da percepção se encontra entre dois limiares: de uma parte o limiar da afectividade e de outra o da linguagem e do cultural.

4. A INTENCIONALIDADE ENTRE O HOMEM E O MUNDO

A Psicologia Fenomenológica considera que a relação existente entre um indivíduo (e os seus movimentos) com o seu «mundo envolvente» não pode ser definido em termos de estímulos ou de variáveis independentes.

Ela tenta pôr em destaque a relação intencional entre o homem e o Mundo. Como

⁽²⁾ Ela tem por finalidade controlar todas as variáveis do meio ambiente, ignorando os seus pressupostos e em particular os limites da própria situação experimental, substituindo-a por uma «Psicologia de Terreno» onde o homem é colocado numa situação bem mais complexa.

intencionalidade queremos dizer que toda a experiência humana se refere sempre a qualquer coisa existente, independentemente dessa experiência. E como nos referimos intencionalmente a objectos, pessoas e acontecimentos que simplesmente existem (aqui-acolá), podemos falar de uma função objectivante da consciência humana; na medida em que as coisas e os acontecimentos do nosso mundo correspondem à objectivação do homem, é necessário ver coisas e acontecimentos humanos, no sentido próprio do termo. Queremos dizer que estas coisas e acontecimentos têm um valor, um sentido, e por isso elas relacionam-se com o comportamento actual ou passado e não são apenas dados sensoriais que captamos, mas antes um conjunto que tratamos de determinada maneira, que nos motiva e nos incita à acção (segundo Sartre, a situação e motivação são únicas — 1947) ⁽³⁾.

A incapacidade da Psicologia tradicional em compreender a natureza intencional e dialéctica da relação Homem-Mundo é corroborada pelas conclusões dos fundadores da Psicologia do Meio Ambiente (Environmental Psychology), quando dizem: «In terms of a systematic and useful conceptualization, the environment, physical or otherwise, remains a vast unknown insofar as we have been able to establish a viable theory of human behavior and experience» (Ittelson).

5. CONTRIBUIÇÕES DA ECOLOGIA À PSICOLOGIA DO MEIO AMBIENTE

Segundo Graumann, uma psicologia de orientação ecológica deveria começar por uma análise de situações concretas; para tal

⁽³⁾ Retoma-se o conceito definido pelo biofilósofo von Uexkull de «Umwelt» (meio ambiente perspectivo no qual o Mundo se constrói em conchas sucessivas a partir da função do Eu no Espaço e no Tempo).

será necessário desenvolver um método apropriado permitindo estudar o comportamento «in situ».

O comportamento não pode ser definido unicamente como movimento ou actividade em si, mas como uma referência às pessoas, lugares, acontecimentos, objectos e finalidades. É descobrindo esta espécie de correlações do comportamento e da experiência que nós compreenderemos o que é um comportamento, uma experiência.

Para Schütz, todas as experiências e comportamentos servem-nos para analisar o aspecto social da vida quotidiana, pois eles são de natureza social. Nós nascemos num mundo de «iguais» (seres semelhantes), graças aos quais aprendemos o significado dos objectos e a maneira de os utilizar. Não apenas os produtos, mas também os objectos naturais (animais, flores) são vividos num contexto tipicamente humano, ou seja, social, e os seus sentidos aprendidos neste contexto.

Segundo Moles, a maior parte destes objectos podem servir como elementos mediadores na comunicação entre pessoas ou grupos. Assim, a definição de um meio ou mundo ambiente em termos de objectivos correlativos de uma experiência e de um comportamento ajudar-nos-á a compreender os diversos meios (as casas, as ruas, as praças públicas, etc.), quer eles facilitem ou dificultem as acções humanas.

6. ESPAÇO E MEIO AMBIENTE

A relação entre o homem e o meio ambiente é um dos traços de identificação das Ciências do Meio Ambiente.

Para caracterizar o meio envolvente em que o homem vive, pode-se utilizar dois termos: o primeiro será o equivalente à palavra «paisagem», termo que tenta significar aquela parte do mundo em que uma pessoa habita num dado momento. Tanto pode ser a cidade como os campos ou a montanha.

Para nós é um conjunto organizado de elementos visuais situados num lugar do território e apreendidos como um todo.

O segundo termo, usado por Barker, é o de «behavior settings», que se refere à relação intencional e específica dos indivíduos às coisas e aos outros que constituem o mundo vivido. Para melhor descrever a noção de espaço habitado, utilizaremos a palavra de origem alemã «Umwelt».

Pessoa e mundo ambiente são, pois, dois termos fundamentais para a compreensão de toda a actividade humana.

É sabida a importância que o meio ambiente tem para o desenvolvimento mental do ser humano. Estudos comparativos realizados com animais (em situação de controlo) permitiram demonstrar como as necessidades do homem, de espaço, variam em função do seu meio ambiente. Limitando as observações aos animais e ao uso que fazem do espaço, pode-se descobrir um elevado número de dados transponíveis em termos humanos. Entre outros, é bem conhecido o modelo de organização de espaço desenvolvido por E. Hall: a percepção do espaço, a distância entre animais ou seres humanos, a importância dos diferentes receptores e da cultura que lhes confere estrutura e significação. Moles (no sentido da filosofia alemã) considera o homem uma «esfera pessoal», uma *interface* com o mundo — Merkwelt — através da qual estabelece (as suas) relações com ele próprio.

7. ABORDAGEM À PSICOLOGIA DO ESPAÇO

Dissemos atrás que o espaço foi durante muito tempo uma dimensão ignorada pelas Ciências Sociais.

De facto, o conceito de espaço é hoje em dia uma nova matéria da Psicologia e em particular da Psicologia Social. A Psicologia do Espaço mostra-nos como toda a estrutura da interacção entre os homens (e para

tal contribuíram, entre outros, todos os autores atrás citados) está marcada pelo contexto espacial através da qual ela se exprime; por exemplo, certas formas de comunicação entre os indivíduos são determinadas pela sua distância relativa.

Para Moles, o espaço é o espelho da cultura e não é apreciado em si mesmo, mas sim em função das actividades sociais que ele autoriza ou não.

Sendo assim, processos como a divisão dos indivíduos num dado espaço, a separação e o aproveitamento dos locais de trabalho e domicílio, a urbanização, a circulação dos peões e viaturas constituem um campo ilimitado de estudos das relações que o homem mantém com o seu meio circundante (trabalhos de Theves, Fischer e Ribey). O espaço entrou pois, definitivamente, na estrutura das relações sociais e nos estudos que a elas se referem, em particular através da Lei da Proxémica.

Mas, a apropriação deste espaço não é necessariamente a apropriação de um dado lugar, mas sim a extensão de um controlo que permita ao indivíduo dominar o seu meio envolvente em vez de ser dominado por ele.

O homem, situado num lugar definido (aqui), divide instintivamente o espaço que o envolve em camadas ou conchas sucessivas, segundo critérios distintos relativos às percepções e acções que poderão acontecer em cada uma dessas camadas.

A adaptação do homem ao espaço foi definida pela lei da «proxémica», que não é mais do que o conjunto das observações e das teorias ligadas ao uso que o homem faz desse mesmo espaço (existindo à partida as mesmas condições, aquilo que está próximo é mais importante para mim do que aquilo que se encontra longínquo).

Este, por sua vez, pode dividir-se em vários aspectos, dos quais o espaço de organização fixa (rígida) é o mais comum; ele é a mola que impele uma grande parte do comportamento humano. O conceito de território, que não é mais do que o comporta-

mento do organismo, marcado por signos visuais, vocais e olfactivos, é um exemplo daquele aspecto. Entre outras, a percepção do espaço dá-nos as ideias de Parede (para o psicólogo, é a materialização de uma descontinuidade, localizada num lugar, do valor das variáveis sensoriais que se exercem sobre o meio envolvente daquele), de Identidade do Lugar (aqui-além), de Apropriação de um Lugar (pelos meus actos, objectos que marcam a minha presença), de Privatização, do Deserto e de Labirinto ⁽⁴⁾.

Labirinto é a expressão em termos simples de um gráfico comportamental do movimento dos seres e uma aplicação da teoria dos grafos ao espaço real. Para Moles, o Labirinto é uma imagem de um arquétipo do espaço, mas também a do próprio homem em sociedade.

A Psicologia do Espaço é, pois, um novo e valioso utensílio ao serviço do psicólogo social e permite uma vasta gama de aplicações; entre elas é, sem dúvida, a protecção do Meio Ambiente e Turismo, que são da maior importância para os países europeus.

Entre os vários estudos realizados neste domínio, refiro alguns efectuados por investigadores do Instituto de Psicologia Social das Comunicações da Universidade de Estrasburgo:

- «A Percepção do Habitat», de E. Schmidt;
- «Psicologia do Espaço Industrial», de G. N. Fischer;
- «A Cidade como Labirinto», de Friedrich;
- «Fluxos Turísticos e Labirintos Urbanos», de Lefèvre;
- «Comunidade e Privatização nas Estruturas Labirínticas», de J. Conwembergh;
- «Mapas Mentais dos Apartamentos», de Zimmermann.

⁽⁴⁾ O «Corredor» é uma das formas essenciais do «espaço estrangido»: aquele onde a mobilidade longitudinal é um fenómeno maior do que a mobilidade transversal e que corresponde a uma liberdade limitada na sua forma; um Labirinto é então um conjunto complexo de corredores cuja estrutura ultrapassa o campo da consciência clara daquele que o percorre.